

# INSTITUIÇÕES NO COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: A NOVELA PANTANAL COMO CASO DE ENSINO

Cecília da Silva<sup>1</sup>

Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta<sup>2</sup>

## RESUMO

Devido ao resquício do patriarcado, a subjugação feminina ainda é uma realidade em pleno século XXI, o que impede a conquista da igualdade de gênero. Existindo um domínio masculino que abre espaço para atitudes extremas, como ações de violência contra as mulheres. Conjuntura que remete ao objetivo do estudo, que foi elaborar um caso para ensino direcionado às instituições, oferecendo sugestão de dinâmica para debater a questão da violência contra as mulheres com os funcionários. A abordagem da dinâmica sugerida se relacionou com a dramaturgia fictícia da novela Pantanal de 2022, trazendo para o debate a narrativa da personagem Maria Bruaca, a qual sofre com ações de violência do marido. A estruturação metodológica do artigo foi de ordem qualitativa. Como conclusão, foi possível observar que a dramaturgia da novela Pantanal pode contribuir para o processo educativo de funcionários, aprofundando o conhecimento sobre a mazela social da violência contra as mulheres. Uma abordagem com potencial para trazer conhecimento para os funcionários, condição que, por sua vez, pode se reverter em um melhor ambiente nas instituições, além de fortalecer a cultura social da igualdade de gênero.

**Palavras-Chave:** violência de gênero, patriarcado, igualdade de gênero, dramaturgia, novela Pantanal.

## INSTITUCIONES EN LA LUCHA CONTRA LA VIOLENCIA HACIA LAS MUJERES: LA NOVELA PANTANAL COMO CASO DE ENSEÑANZA

## RESUMEN

Debido a los remanentes del patriarcado, el sometimiento femenino sigue siendo una realidad en pleno siglo XXI, lo que impide alcanzar la igualdad de género. Hay una dominación masculina que abre espacio para actitudes extremas, como actos de violencia contra las mujeres. Situación que remite al objetivo del estudio, que fue elaborar un caso para la enseñanza dirigido a las instituciones, ofreciendo una sugerencia dinámica para discutir el tema de la violencia contra la

<sup>1</sup>Pós Graduada em Auditoria e Controladoria Financeira e Mestra em Administração. Atualmente é oficial - Força Aérea Brasileira.

<sup>2</sup>Professora adjunta da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), com atuação na Graduação em Administração e em Cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) e do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIGRANRIO).

mujer con los empleados. El enfoque de la dinámica sugerida se relacionó con la dramaturgia ficcional de la telenovela Pantanal de 2022, trayendo al debate la narrativa del personaje María Bruaca, que sufre acciones violentas por parte de su marido. La estructura metodológica del artículo fue cualitativa. En conclusión, fue posible observar que la dramaturgia de la telenovela Pantanal puede contribuir al proceso educativo de los empleados, profundizando su conocimiento sobre el mal social de la violencia contra la mujer. Un enfoque con potencial para llevar conocimiento a los colaboradores, condición que, a su vez, puede revertir en un mejor ambiente en las instituciones, además de fortalecer la cultura social de igualdad de género.

**Palabras clave:** violencia de género, patriarcado, igualdad de género, dramaturgia, telenovela Pantanal.

**INSTITUTIONS IN THE FIGHT AGAINST VIOLENCE AGAINST WOMEN: THE SOAP OPERA PANTANAL AS A TEACHING CASE**

## **ABSTRACT**

Due to the remnants of patriarchy, female subjugation is still a reality in the 21st century, which prevents the achievement of gender equality. There is a male dominance that opens space for extreme attitudes, such as acts of violence against women. A situation that refers to the objective of the study, which was to elaborate a case for teaching aimed at institutions, offering a dynamic suggestion to discuss the issue of violence against women with employees. The suggested dynamics approach was related to the fictional dramaturgy of the 2022 soap opera Pantanal, bringing to the debate the narrative of the character Maria Bruaca, who suffers from violent actions by her husband. The methodological structure of the article was qualitative. In conclusion, it was possible to observe that the dramaturgy of the soap opera Pantanal can contribute to the educational process of employees, deepening their knowledge about the social ill of violence against women. An approach with the potential to bring knowledge to employees, a condition that, in turn, can revert to a better environment in institutions, in addition to strengthening the social culture of gender equality.

**Keywords:** gender violence, patriarchy, gender equality, dramaturgy, soap opera Pantanal.

## **INTRODUÇÃO**

A mulher brasileira, mesmo no século XXI, enfrenta a desigualdade de gênero devido a perpetuação do patriarcado. Uma conjuntura que repercute em diferenças salariais desfavoráveis para as mulheres, assim como, lhes traz menos oportunidades de ascensão profissional. Percebe-se que há uma postura discriminatória contra as mulheres, existindo uma subjugação feminina, que repercute como um posicionamento inferior para elas frente aos

homens. Sendo a subjugação feminina no ambiente de trabalho, um reflexo do mesmo posicionamento existente no ambiente doméstico.

Existe, de tal modo, um contexto de subordinação, que abre espaço para posturas extremas contra as mulheres, seja no ambiente público de trabalho ou no ambiente privado doméstico, que podem acontecer através de ações violentas, como agressão física ou psicológica, incluindo assédio moral. Estabelecendo-se, assim, como importante, o debate acerca da inadmissibilidade da violência contra as mulheres, sendo o ambiente de trabalho uma via oportuna para tanto. Colocando-se como objetivo do estudo, elaborar um caso para ensino voltado para aplicação em instituições, oferecendo sugestão de dinâmica educativa para funcionários com ênfase na elucidação do tema violência contra as mulheres. Aventando-se como possibilidade para fundamentar a dinâmica educativa o uso do enredo da novela Pantanal, transmitida pela Rede Globo de Televisão em 2022. Possuindo o estudo uma abordagem metodológica de ordem qualitativa.

## **QUADRO TEÓRICO**

Não há como incursionar sobre o universo feminino sem trazer à baila a conceituação de patriarcado. Porém, inicialmente, deve-se entender que a relação entre homem e mulher, ao longo do tempo, tem uma raiz sociocultural que implica num senso comum da sociedade, o que faz com que comportamentos se tornem verdades, sem que sejam debatidos ou discutidos. Como, por exemplo, a mulher é quem cuida das tarefas domésticas, do cônjuge, dos filhos e dos demais familiares, já ao homem cabe a tarefa de prover o sustento da casa. Tal divisão de tarefas, de ordem privada para as mulheres e pública para os homens, colocou-se como um senso comum no comportamento da sociedade. Contudo, este senso comum vai mais além do que uma simples distribuição de papéis, pois embute a perpetuação do patriarcado, conforme explanado por Lerner (2020 p. 24):

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve

ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas e muitas de nós sequer nos damos conta.

Segundo Antloga, Maia e Santos (2021, p. 23-24) “o comportamento e a vida psíquica das mulheres, principalmente das que têm menos possibilidades sociais e estão em situação de vulnerabilidade, vão se moldando e se conformando à repetitividade do trabalho doméstico e de cuidado”. Ou seja, o senso comum proveniente da cultura do patriarcado acaba se tornando uma verdade na vida das mulheres.

Na família patriarcal, o homem inclina-se a mandar na vida da mulher, obrigando-a a se dedicar significativamente na realização dos trabalhos domésticos, além de estar à disposição do homem a qualquer momento. Para as autoras, “[...] em virtude da cultura patriarcal, o papel desenvolvido pelas mulheres dentro do conjunto das funções econômicas se define como subsidiário e de menor relevância quando comparado ao trabalho masculino” (ANTLOGA, MAIA e SANTOS, 2021, p. 68). Desta cultura do patriarcado emana o machismo, que, por sua vez, alimenta comportamentos discriminatórios contra as mulheres na sociedade, tal como uma forma de expor a superioridade do homem. Logo, as mulheres encaram o machismo presente no cotidiano imposto pela sociedade, acabando por viver imersas na cultura patriarcal, até mesmo, em meio aos pequenos atos. Inclusive, Lerner (2020) aborda que o nível de liberdade e independência de uma mulher, assim como a cultura do patriarcado dentro das famílias, pode ser notado quando há diferença de tratamento entre irmãos e irmãs.

Porém, conforme Sardenberg (2018), quando há conquista de autonomia e de autodeterminação por parte das mulheres, se estabelece o empoderamento feminino. Segundo Cruz, Nascimento e Sant’ana (2018), o empoderamento envolve igualmente o reconhecimento das mulheres como uma dimensão com o seu entorno/contexto, com o marco dos direitos humanos e com o seu grupo social. Sardenberg (2018, p. 22) complementa, destacando:

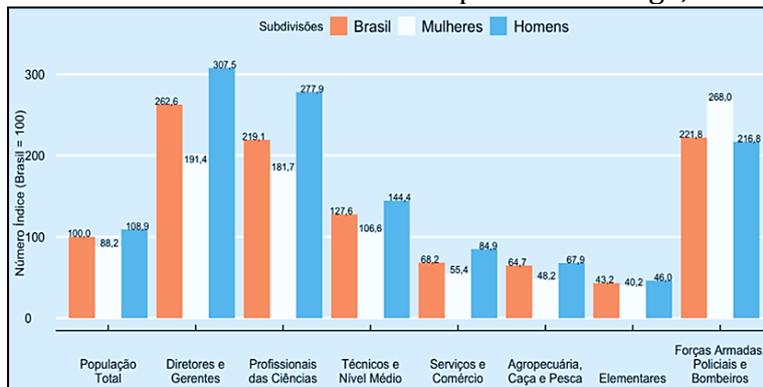
O empoderamento acontece quando mulheres desejam, lutam por e conseguem trazer mudanças substantivas nas relações de poder em todos os âmbitos de suas vidas, sendo que, para tanto, é necessário que elas tenham consciência de sua posição de desvantagem em determinado contexto social.

Cortez (2006) versa que, o empoderamento traz consigo a reestruturação das relações de gênero dentro do ambiente familiar, das atividades produtivas e das reprodutivas, implicando na perda (real ou aparente) de poder do homem. Justamente, quando ocorre a refutação deste empoderamento, podem acontecer reações de inconformidade por parte dos homens, como se estivessem se protegendo de uma suposta ameaça de “desmasculinação”. Inclusive, trata-se de uma conjuntura que abre espaço para reações extremas, como, por exemplo, o homem que não consegue ter o controle da esposa, sentindo-se desmasculinizado, reage com violência para tentar reverter a situação. Ainda, pode existir refutação ao empoderamento feminino no contexto do mercado de trabalho, quando a violência vem na forma de assédio sexual ou moral. Além disso, existe a violência velada, que ocorre com a preferência masculina para os cargos de maior poder, ficando as mulheres num plano inferior.

Segundo Bruschini (1998), o crescimento da força de trabalho das mulheres não se deu só pela necessidade econômica e pela demanda do mercado, porque também existiu o impacto das transformações demográficas, culturais e sociais. Tais transformações são decorrentes das conquistas dos movimentos feministas, como: a decisão pela redução do número de filhos; a inserção no mercado de trabalho; o aumento no nível educacional; e a legislação voltada como apoio às mulheres.

Todavia, mesmo diante de todas as conquistas femininas, as mulheres continuam vinculadas às tarefas domésticas e têm remuneração profissional menor que os homens. Inclusive, a baixa remuneração no Brasil paira até numa incoerência, já que as mulheres se colocam como a maioria da população com ensino superior completo. Contudo, apesar do maior aporte educacional por parte das mulheres, são os homens que possuem maior remuneração e cargos mais elevados nas instituições (BIROLI, 2016). No Brasil, salvo o trabalho nas Forças Armadas (policiais e bombeiros), a desigualdade entre mulheres e homens no ambiente de trabalho é latente, conforme o Boletim das Mulheres no Mercado de Trabalho de 2021, feito com base nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PENAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (FACAMP, 2021). A Figura 1 representa o rendimento médio relativo por sexo e cargo do segundo trimestre de 2021.

Figura 1: Gráfico do rendimento médio relativo por sexo e cargo, 2º trimestre de 2021



Fonte: FACAMP (2021).

Entende-se, assim, que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho no Brasil é uma realidade. Fato que permite a observação da predominância da cultura do patriarcado. Além disso, a predominância masculina no mercado de trabalho desvaloriza o trabalho feminino, dando maior importância ao trabalho dos homens, que acabam ocupando os cargos mais elevados no mercado de trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2007). Segundo estudo do IBGE, somente 37,4% dos cargos gerenciais no país eram ocupados por mulheres, o que demonstra a tendência de que os cargos de gestão são, social e historicamente, associados como função de homens (IBGE, 2021). Entende-se, nesta conjuntura, que as mulheres gestoras (ou executivas) se colocam como trabalhadoras fora do seu lugar. Portanto, existe uma dominação masculina na ocupação de cargos de relevância, situação que compactua com o entendimento de que a hegemonia masculina no ocidente é evidente. “Sendo a posição masculina politicamente mais forte, especialmente em relação às mulheres, ainda que um homem seja identificado com um grupo “não hegemônico”, seja por raça, etnia ou sexualidade” (DINIZ, 2016, p. 132).

Deste modo, a participação menor das mulheres no mercado de trabalho se torna um senso comum na sociedade, uma tradicionalidade. Entre outros fatores, tal participação comparativamente reduzida se deve a barreiras culturais, em especial, a relacionada com a divisão sexual do trabalho, que engessa as mulheres na condição de responsáveis pelas tarefas domésticas, pelas quais não são remuneradas. Sendo assim, muitas delas se condicionam apenas a fazer as tarefas domésticas. Atentando-se, que as mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho, acabam tendo jornadas de trabalhos diferenciadas, nos ambientes público e privado (GUIMARÃES, 2012, p. 61-62).

Vale ressaltar que, apesar de todas as conquistas adquiridas pelas mulheres, a condição feminina é chancelada por máculas advindas da ideologia do patriarcado, que é notória pela naturalização feminina no espaço privado, ou seja, na esfera doméstica. Posto isso, destaca-se a condição de inferioridade que as mulheres são submetidas, principalmente as brasileiras, quanto ao excesso de trabalho, visto que atuam nas esferas pública e privada (PIMENTA, 2014).

Santana (2006) descreve a importância dada ao trabalho masculino frente ao trabalho feminino, dizendo que: o trabalho dos homens se caracteriza como produtivo e com valor; já o feminino se caracteriza como uma forma acessória para ajudar o marido. O autor ainda salienta que, além do trabalho público da mulher ser acessório e diminuto, também lhe cabe a obrigatoriedade do trabalho na esfera privada. Sendo alguns exemplos de trabalho feminino na esfera privada: a preparação dos alimentos, a higienização e arrumação da casa, a limpeza das roupas, a administração do lar e o cuidado do marido, dos filhos e dos familiares. Além disso, as mulheres fazem algumas outras tarefas domésticas, tidas como quase invisíveis, como, por exemplo: cuidar dos animais domésticos e das plantas, reparar roupas da família por meio de costuras, entre outras (SANTANA, 2006).

Diante do exposto, coloca-se como urgente uma reeducação da sociedade. Ou seja, é preciso trazer à tona um olhar direto e esclarecedor acerca do universo feminino, abrangendo de forma educativa assuntos como: a importância do empoderamento feminino; a legislação voltada para as mulheres; e as situações de subjugação feminina vinculada a cultura do patriarcado. Sendo o ambiente institucional uma via educacional fecunda para expor o universo feminino. Até porque, nele existe um ponto nevrálgico que sinaliza a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, já que mulheres são minoria e homens são maioria. Portanto, o setor de Recursos Humanos pode implantar projetos de educação numa instituição, levando para seus funcionários, homens e mulheres, um diálogo acerca do universo feminino e suas questões, sobretudo, ressignificado o valor da mulher para a sociedade. Um processo educativo que pode potencializar a valorização da mulher na sociedade, levando equidade para o ambiente de trabalho, promovendo o respeito entre os integrantes da equipe, e, quiçá, entre os trabalhadores e os seus familiares. Um conhecimento que engrandece os funcionários,

tornando-os valorosos para a instituição, estabelecendo-os como uma via de vantagem competitiva, pois conhecimento gera evolução e inovação (THOMAS, 2022).

Dentro da pauta educativa sobre as mulheres, as instituições, atualmente, estão colaborando abarcando assuntos de extrema relevância, como o combate à violência e ao assédio contra a mulher (GALVÃO, 2022). Inclusive, no Brasil, existem empresas que implantaram programas educativos direcionados exclusivamente a temática da violência contra a mulher, como, por exemplo, a Avon Brasil que criou o Instituto Avon em 2008 (INSTITUTO AVON, 2023; CIPRIANI, 2013). Abrangência educativa, que conta, sobretudo, com esclarecimentos sobre a Lei nº 11.340/06, popularmente conhecida por Lei Maria da Penha, sancionada no dia 7 de agosto de 2006. Nesse sentido, a lei cria condições elucidativas para que as mulheres realizem denúncias e registros de agressões sofridas. Atenta-se que lei visa à proteção de mulheres em situação de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial e/ou moral) ou de ameaça de morte, com vistas a afastar o agressor da(s) vítima(s) (mulher, filhos/as) (BRASIL, 2006). Quanto maior for o esclarecimento dos direitos femininos e o debate acerca da violência contra as mulheres, mais facilmente será entendido o empoderamento feminino, compactuando-se com uma cultura social de igualdade entre os gêneros (GALVÃO, 2022).

## **CASO PARA ENSINO**

O caso para ensino empreendido direciona-se à gestão administrativa, estruturando-se como uma ferramenta educacional em prol do combate ao fenômeno da violência e do assédio contra a mulher. Portanto, o caso para ensino, coloca-se como uma via assessora à solução do fenômeno da violência contra as mulheres, trazendo a instituição empresarial como agente ativo na empreitada. De tal maneira, o caso para ensino se estabelece aqui como um instrumento institucional de propagação de conhecimento, que, por sua vez, pode gerar qualidade de vida e engrandecimento para o convívio social dos funcionários. Estando o caso para ensino empreendido consonante a ordem qualitativa de estudo, sendo formatado não apenas para apresentar e descrever o fenômeno, mas também para servir como uma proposta de solução para ele.

Assim, o caso de ensino teve como intuito sugerir uma dinâmica educativa passível de uso em instituições, a qual adotou como fonte para o diálogo educacional uma narrativa fictícia, tratando-se da novela Pantanal exibida na Rede Globo de Televisão entre março e outubro de 2022. Uma obra que foi originalmente escrita em 1990 por Benedito Ruy Barbosa, sendo a versão de 2022 uma adaptação do roteirista Bruno Luperi.

O enredo da obra de dramaturgia Pantanal, colocou-se como propício ao debate do caso de ensino, já que trata da questão da violência contra as mulheres, assim como explora outros temas relevantes para a sociedade brasileira, como: ecologia, homofobia e analfabetismo tecnológico. Em especial, o foco de interesse para a configuração do caso para ensino foi o núcleo formado pelas personagens Maria Bruaca (mãe), Tenório (marido) e Guta (filha). Sendo a personagem Maria Bruaca uma mulher que se casou muito cedo e dedicou sua vida exclusivamente ao marido e a filha. Um estreito da narrativa que traz a personagem como uma mulher que sofre com a violência do marido, trazendo situações relevantes para o debate acerca da violência contra as mulheres. Inclusive, destaca-se que o próprio nome da personagem, já traz a conotação de agressão do marido, posto que Bruaca se trata do apelido dado por ele como forma de depreciação e maltrato. A seguir destacam-se a apresentação e a análise crítica do enredo, para depois trazer a dinâmica sugerida como caso de ensino.

### **Apresentação do enredo**

Na narrativa, Maria Bruaca é uma mulher solitária que não tem a atenção e o amor do marido, sendo sua única fonte de afeto e alegria sua a relação com a filha. Por isso, a personagem sofre muito quando a filha se muda para São Paulo para ingressar numa faculdade de Engenharia. Quando a jovem retorna para casa, começa a abrir os olhos da mãe em relação à forma como ela é tratada pelo pai. A filha aponta para a mãe o relacionamento abusivo em que vive, indicando-lhe a necessidade do empoderamento para buscar a sua independência.

O motivo que levou a filha a retornar para casa foi a descoberta, ainda em São Paulo, de que havia se apaixonado pelo próprio irmão. Quando escutou o namorado (Marcelo) atender uma ligação telefônica do pai dele, percebeu que ambos tinham o mesmo pai (Tenório). Ao

ouvir a conversa, Guta se espantou e se revoltou com tal situação; afinal, evidenciou-se que Tenório traía sua mãe há anos. No seu retorno à casa dos pais, Guta passou a questionar seu pai (Tenório). Sua revolta, em meio a situação de covardia, a transforma numa mulher forte e empoderada, a qual não se submete a nenhum homem, nem mesmo ao seu pai (Tenório), confrontando-o muitas vezes, sempre questionando seus atos e seu machismo.

Ao longo da segunda fase da novela Pantanal, Maria Bruaca descobre que Tenório tem uma segunda esposa em São Paulo e fica em choque com a traição. Quando se deparou com a revelação de que Tenório possuía três filhos (Renato, Marcelo e Roberto) com a amante (Zuleica), sua revolta se agravou. A partir desse momento, Maria Bruaca começa a se fortalecer, de modo a não se sujeitar às grosserias e aos maus tratos do marido. Abalada com essa situação, Maria Bruaca começa a se relacionar com outros homens. Inicialmente, se relaciona com um peão recém-chegado na fazenda, depois passa a ter relação mais intensa de amor mútuo com outro peão (Alcides).

Ao ter conhecimento da traição de Maria Bruaca, Tenório se revolta e planeja matá-la, porém, avalia as consequências penais do crime, temendo a prisão. Dessa maneira, convence a segunda esposa, Zuleica, a ir para a casa da família, no Pantanal, como forma de intimidar Maria Bruaca. Em seguida Tenório expulsa Maria Bruaca de casa, que revoltada, em meio ao calor do momento, atira no marido com a arma de Alcides, mas erra a mira. Ainda mexida com a situação, Maria Bruaca sai de casa com a roupa do corpo, escutando as ameaças de Tenório, que diz que matará ela e o Alcides. A filha (Guta) até tenta intervir, mas acaba levando uma bofetada do Tenório por defender a mãe Maria Bruaca.

Na saída de casa, Guta acompanha Maria Bruaca até seu embarque na estação, quando a mãe segue de chalana sem destino e sem a companhia da filha. Após partir rio adentro, Maria Bruaca se sente miserável e sem forças para continuar, mas Eugênio, (chalaneiro), a convence de que, enquanto há vida, há esperança. O encontro entre o Eugênio e a Maria Bruaca gera uma grande amizade entre os dois, tão forte que ela passa a morar e trabalhar com ele na chalana, em troca do seu próprio sustento e moradia. Justamente, neste momento de independência, Maria Bruaca encontra a felicidade com a qual tanto sonhou, sentindo-se livre.

Alcides, ao saber que Maria Bruaca está na chalana, consegue procurá-la e convencê-la a morar na fazenda de José Leôncio, vizinha a fazenda de Tenório. A princípio, José Leôncio não gosta de abrigar a ex-esposa do vizinho, mas, após ouvir o relato da Maria Bruaca, muda de opinião, oferecendo-lhe abrigo. José Leôncio também incentiva Maria Bruaca a buscar seus direitos legais de partilha de bens na separação com Tenório.

Ao souber que perdeu acesso às suas contas bancárias, durante o processo de partilha dos bens com a Maria Bruaca, Tenório fica preocupado. Assim, Tenório vai procurar Maria Bruaca na casa de José Leôncio, desejando se reconciliar com ela. Na conversa, Tenório se justifica com Maria Bruaca, dizendo que a traiu porque ela não engravidava e enfatiza que, mesmo a traindo, nunca a abandonou. Ainda na conversa com Maria Bruaca, disse que a considerava a mulher dele e que Zuleica era a outra. Maria Bruaca, indignada, rebate dizendo que não sabia da existência da amante e que, se não tivesse descoberto, continuaria sendo feita de besta. Tenório rebate falando para Maria Bruaca que não esperava que ela descobrisse sobre sua relação com Zuleica, e, ainda, aproveita para reclamar que ela não o servia mais e não soltava os cabelos. Tenório pede que Maria Bruaca esqueça tudo, para assim retomar a vida com ele como marido e mulher, também complementa falando que mandaria a Zuleica embora. Revoltado com Maria Bruaca e toda a família de José Leôncio, Tenório contratou um matador (Solano) para assassiná-los. Solano, inicialmente, dispara contra o filho mais velho (José Lucas) de José Leôncio, que é resgatado e cuidado pelo curandeiro da região (Velho do Rio). Após a tentativa frustrada de assassinato, com medo de ser descoberto pelo filho mais novo de Tenório (Roberto), que o estava investigando, Solano mata Roberto. Tenório orienta Solano a tirar as vidas de José Leôncio e seus filhos de uma só vez.

Tenório, receoso em perder sua principal fazenda, pede a José Leôncio e a esposa dele (Mariana), que conversem com Maria Bruaca para demovê-la da ideia de colocar a fazenda na partilha de bens. Dias depois, Maria Bruaca renuncia à fazenda, colocando como condição possuir as terras que anteriormente eram de Alcides. De tal forma, Tenório entrega para Maria Bruaca as escrituras das terras do Sarandi, as quais eram de Alcides.

A empregada de Tenório (Zefa) escuta conversa entre o patrão e Solano sobre assassinar a família de José Leôncio, sem tardar, vai ao encontro de José Leôncio para avisá-lo da intenção de assassinato do patrão. Por sua vez, em defesa do patrão José Leôncio, Alcides ameaça Solano, enquanto seu amigo (Zaquieu) procura uma arma no quarto do matador e o faz de refém. Depois, Zaquieu leva Solano para a fazenda de José Leôncio, quando se inicia uma investigação sobre particularidades da vida dele. Embora nada de grave seja descoberto sobre Solano, Alcides continua desconfiando da relação dele com Tenório.

Solano sugere que Tenório o mande embora, como parte do plano que pensa colocar em prática, para fazer o serviço de assassinar a família de José Leôncio. Após ser demitido, Solano se abriga na tapera, sem saber que é a casa de Juma (personagem central da trama, vive uma história de amor e tem a particularidade de se transformar em onça-pintada quando se sente ameaçada, além disso, possui intimidade com a vida selvagem do Pantanal). José Leôncio acaba encontrando a arma de Solano no barco que Juma, e acaba confrontando Tenório sobre Solano. Uma onça entra dentro da tapera e ataca Solano.

Tenório surpreende a todos na fazenda de José Leôncio com a forma gentil com que trata Maria Bruaca. Depois, Maria Bruaca diz para Filó (empregada de José Leôncio) que sente pena de Tenório pela morte do filho (Roberto). Alcides critica Maria Bruaca por acreditar na bondade de Tenório. Maria Bruaca visita a filha, achando que Tenório viajando, sendo surpreendida com questionamento da filha quanto a confiança em Alcides, o que desmotiva Maria Bruaca de esperar pelo nascimento do neto e avisa a filha que irá para Sarandi. Saindo da fazenda, no alojamento, Maria Bruaca e Alcides se beijam, sendo flagrados por Tenório, que os mantêm presos, torturando o peão e agredindo Maria Bruaca.

Após o momento de agressão, Maria Bruaca e Alcides voltam para a fazenda de José Leôncio, envergonhados, inventam que foram atacados por uma onça, para justificar o sumiço. Deprimido, Alcides diz para Maria Bruaca que Tenório o marcou para sempre. Alcides diz a Maria Bruaca que não tem nada mais a lhe oferecer em troca do amor que ela sente por ele, confidenciando a Filó (empregada de José Leôncio) a profunda tristeza que sente.

Maria Bruaca fica comovida ao saber, por Marcelo (filho mais velho de Tenório), que o neto nasceu. Porém, Tenório, por não gostar de saber que Maria Bruaca ainda está na fazenda de José Leôncio, não a deixa visitar o neto e nem mais entrar sua fazenda. Zaqueu questiona o seu amigo Alcides sobre o que aconteceu com ele e Maria Bruaca, após escutar o amigo, se oferece para matar Tenório. Alcides, como já havia sido avisado que só conseguiria matar Tenório com armas que não fossem de fogo, nem faca, pediu para Zaquieu pegar a zagaia na casa do José Leôncio e, após conseguirem pegar a arma, eles ficam de tocaia, na fazenda de Tenório, esperando-o para atacá-lo. No entanto, Alcides acaba encontrando Tenório pescando no rio, ao confrontá-lo, é desafiado para jogar a zagaia fora e lutar como homem. Alcides joga para longe a zagaia, porém Tenório, desonesto, esconde sua arma. Quando Tenório dispara sua arma na direção de Alcides, recebe um tiro no pescoço vindo da arma de Zaquieu que chegara ao local. Alcides prontamente pega a zagaia e perfura Tenório, que foi levado por uma sucuri para o rio. Zaquieu convence Alcides a ficar com Maria Bruaca, e eles se reconciliam, deixando o Pantanal na chalana de Eugênio. Após algum tempo, Alcides e Maria Bruaca retornam ao Pantanal, felizes para a comemoração do casamento de José Leôncio e Filó, e Maria Bruaca finalmente conhece o neto, se reconciliando com a filha e com Zuleica, a amante de seu ex-marido (Tenório) (PANTANAL, 2022).

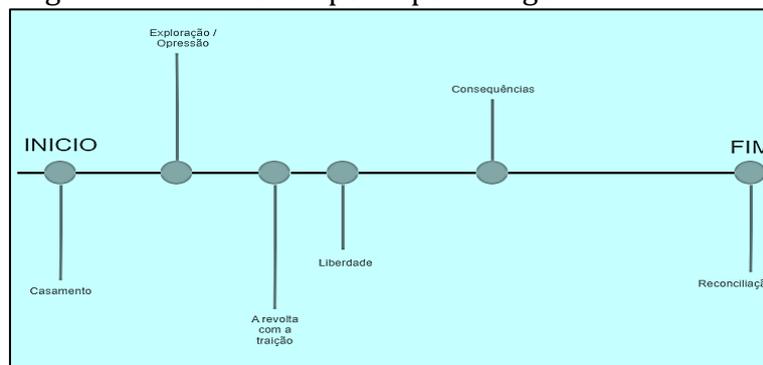
### **Análise crítica da obra**

Por meio da revisão sistemática da novela Pantanal, foi possível separar algumas situações que ainda são vivenciadas no dia de hoje, relacionadas com a ideologia patriarcal. Situações vividas por mulheres, tais como as existentes na narrativa da personagem da Maria Bruaca (PANTANAL, 2022). Em uma perspectiva crítica, serão apresentadas, a seguir, categorias de situações que contemplam os assuntos relacionados a repressão da personagem Maria Bruaca. Contudo, primeiramente, destaca-se uma linha do tempo, oferecendo um panorama geral da evolução da personagem que resultou nas categorias, conforme Figura 2.

Os resultados do IBACO, exibidos na Tabela 1, demonstram que o fator que os respondentes desta pesquisa mais identificam na Empresa Jr. é relacionado aos valores de profissionalismo cooperativo, com média de 4,69 e  $\sigma = 0,28$ . O segundo com melhor média

foram as práticas de promoção do relacionamento interpessoal, que obteve média de 4,06 e  $\sigma = 0,76$ . Com isso, entende-se que a EJ estimula a cooperação entre os membros e busca possibilitar que estes se relacionem de forma satisfatória. De acordo com Ferreira et al. (2002), estes valores demonstram que a empresa reconhece aqueles que apresentam espírito de colaboração na busca do atingimento das metas e as práticas favorecem a coesão interna.

Figura 2: Linha do tempo da personagem Maria Bruaca



Fonte: elaboração própria.

Na dramaturgia, o sofrimento vivido por Maria Bruaca, coloca-se como um retrato da mulher que é vítima de uma família com ideologia patriarcal. Tal como exposto por Lerner (2020), uma composição que coloca como natural a inferioridade feminina, o que perpetua o domínio masculino. Um contexto que permite, por meio dos diálogos do enredo, trazer a presença da ideologia do patriarcado ainda presente em nossa sociedade, como, por exemplo:

- “O que foi, mulher? O que faço com a minha vontade?”, questionou Tenório.
- “Já falei que não quero. Você faz o que quiser. Eu que não vou falar o que quero na frente da minha santa”, respondeu.
- “Tá bom, mas uma hora a gente vai ter que sentar para acertar essa história, viu. Sou seu marido e tenho meus direitos”, rebateu Tenório (PANTANAL, 2022, s/p).

No trecho acima, Tenório usa de sua dominação masculina para escravizar sua mulher e saciar seus desejos sexuais. Ou seja, conforme Lerner (2020), as mulheres são colocadas na posição de servir aos homens, o que já traz conotação de escravidão, visto ser uma opressão

sexual dentro do lar em meio a uma rotina de assédio e abuso sexual. Em dado momento da novela, o machismo se sobressalta, quando a personagem Maria Bruaca fala: “O homem bicho pode tudo. E nós temos que ficar lá, abanando o rabo” (PANTANAL, 2022, s/p).

Maria Bruaca também traz a percepção do machismo em sua vida, quando se percebe subordinada ao seu marido. Conforme descrito por Antloga, Maia e Santos (2021), quando indicam que na família patriarcal, o homem manda na vida da mulher, sobretudo colocando-a para fazer as tarefas domésticas.

No decorrer da trama, Maria Bruaca passa de revoltada para empoderada, sendo o momento em que se rebela contra o marido (Tenório). Ciente da traição e do domínio do marido sobre ela, Maria Bruaca sente extrema decepção e se arrepende de tanta dedicação ao marido. Situação comum para grande parte das mulheres, as quais renunciam a suas próprias vidas, seus estudos e carreira em prol da família. A fala de Maria Bruaca a seguir descreve este contexto de decepção e arrependimento:

- "o choro é meu, choro quando eu quiser" Maria Bruaca ao ser confrontada por Tenório.

- “É assim que eu sou, filha. Uma bruaca. Uma vida inteira casada, sendo fiel, sendo obediente, casta que diz, para ele além de ter outra mulher, botar três filhos macho nela. Nem pra isso eu vou prestar. Ele teve os três filhos varões que ele queria, tem uma outra lá para satisfazer os desejos dele, e tem ainda essa Bruaca aqui.” Chorando, Maria Bruaca disparou para a filha.

- “Eu já tive tudo nessa vida. Pelo menos pensei que tivesse até ‘descubr’ (sic) que eu num tinha era nada. Só dor e tristeza”. Maria Bruaca (PANTANAL, 2022, s/p).

Deslegitimar o sofrimento da mulher é uma tática recorrente entre os abusadores, conforme explicitado por Antloga, Maia e Santos (2021), haja vista que a mulher fragilizada não está em seu pleno controle, colocando-se vulnerável às opiniões de terceiros.

Em contrapartida, quando Maria Bruaca, através das opiniões da filha, com maiores esclarecimentos sobre a condição feminina, se empodera, passa a não mais se submeter ao

marido. Momento em que aparecem diálogos de confronto de Maria Bruaca com o marido, sendo:

- “a boia tá lá no fogão, se você quiser, você esquentá”.

- “E você, Tenório? Você já se lavou? Eu não vou lhe servir se ‘ocê’ (sic) não tiver limpinho”, disse ela quando Tenório resolveu depois de muito tempo ter relação com a mulher (PANTANAL, 2022, s/p)

Posterior as falas acima descritas, Tenório tenta dominar a situação, ordenando a esposa: “Bruaca, venha cá”. Ao escutar em alto tom o seu apelido depreciativo, Maria Bruaca retrucou: “Bruaca é tua mãe que te botou no mundo”. Neste momento, há o grito de liberdade de Maria Bruaca, desprendendo-se da sua condição de subalternidade junto ao marido.

As mulheres quando se libertam, tendem a se separar do marido opressivo, abandonando o relacionamento tóxico, no qual se sentiam exploradas e humilhadas. Lerner (2020) aborda a liberdade da mulher quando esta alcança o seu empoderamento, ou seja, quando passa a levar a cabo em sua vida os seus desejos e sua autopreservação. A seguir, algumas falas da Maria Bruaca expressando a sua liberdade:

- “Eu estou viva de novo. Nunca me senti assim tão livre na minha vida”. Ocasão em que Maria saiu de casa pela primeira vez para um passeio de barco e descobriu o gosto da liberdade.

- “Juízo eu tive a vida inteira. Agora eu quero é ter prazer” – Dona de casa quando se deitou com um dos peões pela primeira vez.

“Eu já tive tudo nessa vida. Pelo menos pensei que tivesse até ‘descubrí’ (sic) que eu num tinha era nada. Só dor e tristeza”.

“Me ‘dêxa’(sic).. Eu tô ‘filiz’(sic), fia... Tô filiz como nunca tive em toda a minha vida... Eu juro... Me dêxasiguí o meu destino, fia... Toca essa chalana... A Bruaca morreu! A Bruaca virô Chalanêra... Agora eu sô Maria Chalanêra!” (PANTANAL< 2022, s/p)

A liberdade e o empoderamento de Maria Bruaca transformaram-se em coragem, levando-a a lutar pela sua autorrealização, recebendo apoio de amigos. Inclusive, obtendo assessoria de José Leôncio quanto as questões legais do divórcio, envolvendo o processo de partilha de bens. O fato de entender os seus direitos, tal como explicado por Cruz, Nascimento e Sant'ana (2018), significa que a mulher está se reconhecendo como cidadã, percebendo sua participação em seu grupo social. Muitas mulheres na mesma situação de Maria Bruaca se sentem desencorajadas a lutar pelos seus direitos, ou até mesmo se resignam a aceitar qualquer “migalha” em prol de uma separação mais tranquila. Muitas vezes, nem possuem o conhecimento acerca do posicionamento legal de divisão de bens, visto que todos os bens adquiridos durante o casamento devem ser divididos de forma igualitária entre os cônjuges, salvo o regime de casamento tenha sido em comunhão parcial de bens ou separação total de bens.

A sociedade patriarcal doutrinou que a mulher deve se dedicar a reprodução e aos cuidados e zelo do lar e dos filhos, enquanto reserva aos homens a função de sair para trabalhar. Geralmente, na situação de um divórcio, as mulheres saem no prejuízo, por aceitarem qualquer bem como recompensa pelo trabalho doméstico não-remunerado, desqualificadas intelectualmente e despreparadas para retornarem ao mercado de trabalho após muitos anos de dedicação exclusiva à família. Na dramaturgia, a advogada contratada por José Leôncio orienta Maria Bruaca quanto aos seus direitos, conforme representação do diálogo abaixo:

- “A Maria foi, por décadas, uma dona de casa com dependência financeira total do marido, que nunca deixou ela trabalhar fora de casa. O histórico pessoal dela faz jus à pensão alimentícia”.

- “Geralmente, traições não levam à indenização, a não ser que a pessoa traída sofra um abalo emocional muito forte, ou seja, exposta de alguma maneira” (PANTANAL, 2022, s/p)

Para além do divórcio e da partilha dos bens, que são procedimentos padrão, a trajetória de Maria Bruaca tem particularidades, as quais fariam com que tivesse o direito de pleitear outros direitos. Isto porque, nunca havia trabalhado e sempre dependeu totalmente do marido,

além de ter sido exposta a uma traição e de sofrer com a violência doméstica. Embora não tenha sofrido violência física de Tenório, Maria é vítima de violência psicológica e moral frequentemente.

Por fim, Maria foi vítima de violência doméstica desde o início da novela, como também ameaçada algumas vezes de feminicídio, o que possibilitava o registro de um boletim de ocorrência e pedido de medidas protetivas contra o Tenório, previstas na Lei Maria da Penha. Falas relatadas em diversas cenas mostram o contexto de violência em que Maria estava submetida, como as seguintes falas de Tenório: “eu devia ter me livrado dela antes” ou “eu deixei ela sair daqui com vida” (PANTANAL, 2022, s/p). A gravidade aqui é trazida pela intenção de matar, a qual parece coroar o comportamento de superioridade do marido e de inferioridade da esposa, demonstrando o quão perigoso é ter como natural a posição de inferioridade da mulher. Situação que coloca por terra o respeito e a igualdade entre os seres humanos, justamente por não cumprir a máxima: não faça com o próximo o que não queira que seja feito com você.

### **DINÂMICA SUGERIDA**

A proposta apresentada de caso para ensino tem por base uma sugestão de dinâmica para as instituições, a qual pode abranger disciplina no campo da gestão de pessoas. Assim, aproveitando a diversidade organizacional, pode-se explorar a temática da desigualdade de gênero através de uma aula. Uma abordagem em que a dinâmica da aula seria através de uma proposta de debate, num encontro com duração de no mínimo três horas.

Inicialmente, o encontro seria aberto com uma explanação sobre o tema da desigualdade de gênero. Posteriormente, a explanação daria espaço para particularidades da trama da novela Pantanal. Dessa maneira, a dramaturgia facilitaria a abordagem das questões históricas, as quais levaram a cultura do patriarcado. Essa apresentação deve mesclar imagens e textos, a fim de se facilitar a compreensão e o engajamento dos funcionários presentes na aula. Aqui também seriam expostas as conquistas emancipatórias da mulher ao longo do tempo.

Em seguida, seriam apresentados os recortes dos diálogos destacados anteriormente no tópico Análise Crítica da Obra, tratando de cada aspecto vivenciado por Maria Bruaca, desde o peso do patriarcado até a violência latente na vida da personagem. As cenas indicadas, seriam projetadas numa compilação de quinze minutos. Caso não haja disponibilidade de apresentação em vídeo, a ilustração pode ser viabilizada por meio de fotos dos personagens envolvidos com a narração dos diálogos descritos. Transcrições dos diálogos também poderiam ser copiadas e distribuídas aos funcionários presentes na aula. Em seguida, os participantes teriam a oportunidade de aprofundar a compreensão dos temas abordados, abrangendo a perspectiva histórica do patriarcado, a transformação que envolve uma série de violências perpetradas pelo marido Maria Bruaca e, por fim, a condição de libertação da personagem.

O ápice do encontro, se daria no debate entre todos os presentes na aula, com o ministrante a estimulá-los a expressar sua crítica acerca da situação de vida da personagem, expressa pelas cenas e diálogos apresentados. Para aprofundar o debate, o ministrante provocaria os presentes, solicitando que tragam analogia ou exemplos de vida relacionados com o enredo da personagem Maria Bruaca.

Por fim, o encontro terminaria com indicações de leituras, tais como os livros: “A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens” escrito por Gerda Lerner; e “O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo (v. 1)” escrito por Silvia Federici (LERNER, 2020; FEDERICI, 2021).

Com base na dinâmica sugerida, tomando por norte a narrativa da novela Pantanal e a indicação de leituras, será aberto um caminho para o conhecimento mais profundo da condição da mulher na contemporaneidade. Sobretudo, ao tratar da desigualdade de gênero em meio a dinâmica, será possível alardear a importância de se combater a violência contra as mulheres, seja como agressão física ou psicológica, incluindo assédio moral.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se com o artigo, que a dinâmica sugerida como caso de ensino para as instituições, pode ser uma via de conhecimento acerca da realidade feminina em meio a desigualdade de gênero. Os funcionários, ao participar da dinâmica sugerida, poderão fazer

uma imersão no contexto da cultura do patriarcado através da narrativa da personagem Maria Bruaca da novela Pantanal. O uso do enredo da novela é extremamente acessível a todos, sem a robustez de uma narrativa mais acadêmica, o que aproxima a questão da inferiorização feminina de um olhar próximo a realidade.

Sendo assim, a instituição, ao adotar a dinâmica sugerida, coloca-se como uma aliada do conhecimento da realidade feminina, e, também, se estabelece como um canal contra a propagação da violência contra as mulheres. Além disso, quando os funcionários têm o conhecimento ampliado, tornam-se mais valorosos, o que repercute em vantagem competitiva para a instituição. Enquanto indivíduos mais preparados, os funcionários tornam-se propícios a novas descobertas, seja por meio de outros conhecimentos ou através de participação em situações inovadoras.

Portanto, a participação das instituições na propagação do conhecimento da condição feminina, se estabelece como um braço assessor na elucidação de questões referentes a legislação, mas, sobretudo, serve como alerta no combate à violência contra as mulheres. Sendo o caso para ensino uma oportunidade para as instituições propagar a importância do empoderamento feminino, alimentando a cultura social da igualdade entre os gêneros.

## REFERÊNCIAS

ANTLOGA, C. S.; MAIA, M.; SANTOS, N de M. **Trabalho Feminino: Desafios e perspectivas no Brasil**. Curitiba: Appris, 2021.

BIROLI, F. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-754, jul/set. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/kw4kSNvYvMYL6fGJ8KkLcQs/abstract/?lang=pt>>. Acesso em, 02 mar. 2023.

BRASIL. Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006. Diário Oficial da União. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)> Acesso em: 11 mar. 2023.

BRUSCHINI, C. **Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** Chicago: Latin American Studies Association, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

CIPRIANI, L. **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher.** São Paulo: Instituto Avon, 2013.

CORTEZ, M. B. **Maridos dominadores, esposas (in) subordinadas: as implicações do empoderamento feminino e da masculinidade hegemônica na violência conjugal.** 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2006.

CRUZ, M. H. S.; NASCIMENTO, A. P. L.; SANT'ANA, H. M. Reflexões sobre o poder mediadas pelo empoderamento das mulheres na condição de sujeito político. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 15, n. 3, p. 38-55, 2018.

DINIZ, A. P. R. Feminilidades e masculinidades no trabalho. In: CARRIERI, A. P.; TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R. (Eds.). **Gênero e trabalho: Perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos Estudos Organizacionais.** Salvador: EDUFBA, 2016. p. 131-158.

FACAMP: **Boletim NPEGen Mulheres no Mercado de Trabalho.** Campinas: Editora FACAMP, setembro de 2021.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo** (v. 1). Boitempo Editorial, 2021.

GALVÃO, P. **A pauta é violência e assédio contra mulheres no trabalho.** São Paulo: Laudes Foundation, 2022.

GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. Perfil do Trabalho Decente no Brasil: um olhar sobre as Unidades da Federação durante a segunda metade da década de 2000. Brasília: OIT, 2012.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38, 2021. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf)> Acesso em: 11 abr. 2023.

INSTITUTO AVON. **Violência contra as mulheres**. 2023. Disponível em: <<https://institutoavon.org.br/conteudo-violencia-contras-mulheres/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2020.

PANTANAL. Diretor Rogerio Gomes. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 2022. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

PIMENTA, W. Dupla jornada de trabalho: uma análise da condição feminina no trabalho doméstico. **Anais...** VIII Jornadas de Sociología de la Universidad Nacional de La Plata. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2014.

SANTANA, M. C. S. Muito Trabalho, Pouco Poder: Participação Feminina Mitigada nos Assentamentos Rurais do Estado de Sergipe. In: Grossi, M. P. & Schwade, E. (Org.) **Política e Cotidiano: Estudos Antropológicos Sobre Gênero, Família e Sexualidade**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 47-63.

SARDENBERG, C. M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 15-29, jan./jun. 2018.

THOMAS, R. **Women in the Workplace**. Palo Alto: Lean In Foundation, 2022.

**Submetido em 12/12/2022**  
**Aprovado em 02/06/2023**